

FOTOGRAFIAS E A ETNOMETODOLOGIA DIGITAL APLICADA: REESCOBRINDO AS COMUNIDADES PESQUEIRAS DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS

Sulamita Conceição Ribeiro de Oliveira (UENF, PESCARTE,
PETROBRÁS e IBAMA)

sulamitaribeiro16@gmail.com

Manuela Chagas Manhães (UNESA, UENF, PETROBRÁS e IBAMA)

manuelacmanhaes@hotmail.com

RESUMO

Este artigo é resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação ambiental (PEA) Pescarte, que é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento Ambiental Federal, conduzida pelo IBAMA. Diante disso, partimos de uma pesquisa digital, encontradas nas organizações de páginas, como *facebook*, que pudessem nos fornecer dados qualitativos da constituição da comunidade pesqueira de Armação de Búzios. É sabido que a fotografia, enquanto uma linguagem não verbal, permite a interpretação, a análise, descrevendo a formação desta comunidade e possíveis mudanças diante das adversidades de nosso tempo. Desse modo, o levantamento de dados, por meio da etnometodologia digital, nos permitiu para além da análise, a construção de uma colcha de retalhos, um pequeno inventários de memórias através do processo de rememoração, no ato de contar histórias intermediado por tais fotografias junto aos sujeitos sociais dessa comunidade, promovendo o respeito, autorrespeito e autoestima entre os envolvidos.

Palavras-chave:

Habitus. Memória. Etnometodologias digitais.

ABSTRACT

The This article is the result of research funded by the Pescarte Environmental Education Project (PEA) which is a mitigation measure required by the Federal Environmental Licensing, conducted by IBAMA. Therefore, we started from a digital survey, found in organizations with pages, such as Facebook, that could provide us with qualitative data on the constitution of the fishing community in Armação de Búzios. It is known that photography, as a non-verbal language, allows for interpretation, analysis, describing the formation of this community and possible changes in light of the adversities of our time. Thus, data collection, through digital ethnomethodology, allowed us, beyond analysis, to build a patchwork quilt, a small memory inventories through the process of re-memoration, in the act of mediated storytelling by such photographs with the social subjects of this community, promoting respect, self-respect and self-esteem among those involved.

Keywords:

Habitus. Memory. Digital ethnomethodologies.

1. Introdução

A comunicação humana é o pilar principal para o desenvolvimento de uma comunidade. Graças a essa forma de comunicação e materialização das ideias que se molda uma cultura, hábitos culturais e formas de subsistência, estruturando seu modo de vida e construindo sua identidade que de forma material e imaterial é passado para as futuras gerações que contribuem para a perpetuação dessa identidade cultural coletiva.

A pesca artesanal nas cidades de Armação dos Búzios não só é uma forma de subsistência como representa a identidade cultural daquela comunidade que tem toda sua história pautada na pesca, que segundo o historiador Marcio Werneck (2002) é datada em aproximadamente 1.500 anos, quando os primeiro nômades ocuparam a costa litorânea do país.

As modificações temporais juntamente com a influência de novas formas econômicas e sociais alteram a identidade cultural da comunidade. No caso de Armação de Búzios, essas novas formas econômicas e sociais, advindas com a chegada do turismo após a estadia e Brigitte Bardot em 1964, formou ao longo dos anos uma segregação socioespacial e silenciamento das histórias, crenças, tradições, hábitos e funções sociais daquela comunidade que descontinuaram suas práticas tradicionais em prol do turismo e suas proporções adjacentes.

Compreender sobre a própria história com a narrativa do coletivo, através da história social e de forma imagética não só ajuda com a manutenção da memória social e seus sistemas culturais, como a ressignifica, ou seja, o indivíduo dessa comunidade passa a se reconstruir quando se direciona ao passado, compreende e reproduz os valores e maneira do que foi preservado pela comunidade, essa relação de compreensão dos saberes e fazer tradicionais contribui para a manutenção e ressignificação daquele grupo.

2. Desenvolvimento

2.1. Armação dos Búzios e seu processo de formação histórica

Armação dos Búzios é um município no Rio de Janeiro, localizada na baixada litorânea fluminense. É um município conhecido pela beleza de suas inúmeras praias, sua orla e rua das pedras que atraem os olhares turísticos para vida diurna e noturna. Mas apesar de toda sua

atração turística, O município tem sua parte histórica ocultada, não só para aqueles que a visitam, mas para uma grande parte da população que a habita, o que acarreta numa perda de identidade cultural para essa comunidade.

Segundo Werneck (1997), a cidade tem registro arqueológicos, que datam seu processo de ocupação por nômades entre 2.500 e 1.500 anos atrás, que formavam acampamento temporários nos trechos costeiros a procura de formas de subsistência que era baseada na coleta de moluscos, pesca e caça. Nas escavações no “sambaqui” de Geribá, foram encontrados vestígios de carvão no solo e alguns enterramentos ritualístico levando a constatar indício de crença pós vida pelo grupo.

Há também registros pelo autor de grupos tupinambá no sudeste brasileiro no início do século XVI que se estendia entre o rio Macaé, Rio de Janeiro até Ihabela, São Paulo. A região de maior densidade populacional era localizada na baixada litorânea abrigoando mais de 50% das aldeias, denominada pelo grupo autóctone de gecay¹. As aldeias se estabeleciam em áreas continentais próximos dos rios para obtenção de água e suprimento. As terras eram divididas de acordo com a função de cada grupo, apenas os acampamentos de caça e coleta variavam, eles acampavam de acordo com processo de cristalização natural do cloreto de potássio na lagoa de Araruama.

Essa fase pré-histórica se finda com o início das grandes navegações e a chegada das expedições portuguesas ao Brasil. Com essas expedições alguns modelos foram implantados no país, como o de exportador de exploração mercantil juntamente com a mão de obra escrava, nos primeiros séculos com indígenas e logo após com africanos. Conforme os fatos narrados por Werneck (1997) a Ponta dos Búzios só teve aproximação de navegantes estrangeiros em 1575, período em que os Tupinambá ainda tinham seus acampamentos de pesca nessa área, depois da descoberta de pau-brasil no local e ancoradouro seguro a frequência a região passou a ser maior.

Entre 1580 e 1615 que inúmeros navios franceses, holandeses e ingleses, apesar do bloqueio que era imposto pelos portugueses no Rio de Janeiro, encaminharam-se ao porto de Cabo Frio, outros seguiram por Búzios. Após conflitos sociedade e traição e expulsão entre o governador

¹ Tempero usado pelos nativos na preparação de alimentos, o gecay era feito a partir do tritramento de sal grosso natural da lagoa de Araruama com a junção de pimentas vermelhas gigantes que eram cultivadas pelos locais. (Werneck, 1997)

da Capitania do Rio de Janeiro e os traficantes em 1615 o governador recebeu ordem real da Espanha para voltar a região e fundar uma cidade, construir uma fortaleza e estabelecer duas aldeias indígenas aliadas em pontos estratégico, um deles na Ponta dos Búzios. Após o cumprimento das ordens do coroa espanhola o capitão-mór de Cabo Frio, entre 1616 e 1623, reservou as areias da restinga para fundar o assentamento da cidade e doou a maior parte das terras, que eram terras férteis para a agricultura e propícia à pecuária, as corporações religiosas do Rio de Janeiro.

Werneck (1997, p. 23) afirma que, a partir de 1660 que a Câmara Municipal de Cabo Frio promoveu a compra de muitos escravos africanos logo após a liberação do comércio do sal natural retirado da lagoa de Araruama e incentivou o arrendamento temporário de inúmeras praias da região, uma parte desse arrendamento incluía a Ponta dos Búzios, como Geribá e Marimbondo (atual Ossos).

Neste período pré-independência Werneck (1997) evidencia que no porto da Armação foram fundadas a fábrica para a queima da gordura de baleia, a casa-grande, para os administradores, a senzala, para os escravos, e a capela de Santana, única fundação ainda existente. A armação de baleias funcionou entre 1728 e 1768.

Pouco tempo depois da Independência do Brasil, ainda na fase imperial, conjectura-se, segundo Werneck (1997), que famílias pobres de homens livres sem-terra passaram a ocupar e tomar posse irregular de pequenos espaços de terra próximo a antiga instalação baleeira, buscando formas de subsistência e sobrevivência econômica em razão da incerteza sobre a propriedade na região da Ponta dos Búzios.

A partir da primeira metade do século XIX o acervo descreve a frequente presença de quilombos nas áreas interiores de Armação dos Búzios e em outros “sertões” de Cabo Frio, em lugares que apresentavam uma maior cobertura vegetal e/ou ocorrências de pantanais e brejais. Entre 1845 e 1850 as praias Rasa e José Gonçalves foram usadas como ponto de desembarque clandestino do tráfico negreiro africano, depois que o governo imperial adotou uma política mais severa de combate ao tráfico de africanos. Segundo os detalhes narrados por Werneck (1997), as autoridades de Cabo Frio só buscavam desembarques clandestinos quando acontecia em praias próxima à sede do município e a repressão eficaz e ilegal ficou por conta dos navios de guerra ingleses, sob ordens aos interesses econômicos britânicos, que aprisionavam veleiros portugueses e brasileiros que estavam próximo ao litoral da região.

As propriedades cafeeiras, localizadas no entorno da lagoa de Araruama, entraram em decadência a partir da segunda metade do século XIX, devido ao esgotamento do solo, por não ser uma terra propícia para o cultivo de café, as pragas na lavoura, a proibição do tráfico negreiro, o desinteresse dos fazendeiros pelo trabalho livre de colonos europeus e pelo deslocamento da produtora. A decadência somatizou o fato da não compensação da lucratividade cessante pelo contrabando de pau-brasil, devido a descoberta europeia da anilina sintética², e ao aparecimento sucessivo de epidemias de varíola, cólera e febre amarela na qual tiveram efeitos devastadores nas propriedades rurais e mesmo nos núcleos urbanos até a segunda década do século XX.

Além disso, podemos compreender nesse percurso de formação da região buziana, a grave questão sanitária que se encontrava a região, somado as caçadas humanas realizadas pelos recrutadores profissionais de “Voluntários da Pátria” durante a Guerra do Paraguai que obrigou a comunidade pesqueira da Ponta dos Búzios a esconder seus filhos. Werneck (1997, p. 23) disserta sobre os padrões socioeconômicos tradicionais rompidos a partir da vigência das leis “ventre livre” e “sexagenários” que sepultou de uma vez por toda as atividades agrícolas remanescente, isso seguida pela assinatura da “Lei Áurea” que motivou os escravos fugitivos e ex-escravos a ocuparem a região das praias da Rasa e José Gonçalves.

O fim do século XIX marcou mudanças sociais e estruturais na região de Armação dos Búzios, impactos sociais que marcaram o século e que deixam vestígios até os dias atuais, conflitos de terra, invasão, especulação imobiliária que aos poucos difundiram a cultura e invisibilizaram a comunidade pesqueira mais afastada e sua real história de luta de terra.

A transmutação social da região se deu com chegada de ambulantes, de nacionalidade italiana, turca e portuguesas, que se casaram com as filhas dos pescadores e donos das fazendas, formaram suas famílias e abriram vendas na Armação, Manguinhos e Saco Fora, atual São José na qual era sede do 3º distrito. Também era comercializado com negociantes o peixe salgado, advindos da Armação e banana que advinham de plantações na Rasa e Saco Fora, onde por meio de tropas de burros transportavam para Cabo Frio.

² A anilina sintética era um composto orgânico utilizado pelos europeus para o tingimento de tecido, com custo-benefício melhor que o pau-brasil.

A vida da comunidade era árdua, a água a qual eles tinham acesso era proveniente de poços e brejos locais, pois além de usar para beber a água era utilizada para fazer comida, lavar roupa, tomar banho (Werneck, 1997, p. 24-5). Em áreas mais distantes do centro da cidade como em José Gonçalves, Baía Formosa e Saco Fora, a comida também era um pouco difícil no meio rural, a plantação continha pouca variedade alimentar, se limitava a plantação de mandioca, feijão, milho, batata doce e algumas frutas como mamão, melancia e banana, o tempo de colheita era demorado e o trabalho em outra cidade para adquirir alimentos da venda também era difícil, as proteínas mais utilizadas eram os frutos do mar como peixe, marisco, tatuí, também as carnes e ovos das criações doméstica de galinhas e porcos, seguida por lesmas encontradas na mata e algumas aves que eram obtidas através da caça.

A iluminação noturna nas casas era feita através de lamparinas de querosene ou óleo de mamona e fazia-se sempre necessário a lenha para era o preparo diário das refeições. As casas tinham baixa estrutura e eram feita de pau-a-pique cobertas por telhas coloniais, a maioria delas eram localizadas em terrenos amplos com plantações de árvores frutíferas e algumas plantas medicinais. Apesar da dificuldade que a comunidade enfrentava no dia a dia, a distração por meio da diversão comunitária existia; esporadicamente as bandas vinham de Cabo Frio para celebrar a tradicional festa de Santana. Outras festas celebradas anualmente eram a festa de reis e de São João.

Em 1927, o neto do proprietário da fazenda Campos Novos tornou-se o primeiro dono de casa de veraneio na praia da Armação e assim é considerado o turista inicial de Búzios (Werneck, 1997, p. 25). Em 1951 atraído pela natureza e águas férteis da região, que no mesmo ano iniciou sua atividade turística, o presidente da empresa aérea Cruzeiro do Sul construiu uma casa de veraneio na praia de Manguinhos e ao longo do tempo se envolveu com a comunidade e reconstruiu a estrada Rasa-Armação, o grupo escolar de Manguinhos e patrocinou as obras da igreja de Santa Rita de Cássia e do cais de proteção à colina da igreja de Santana. Depois de muitas transformações e contribuições do benfeitor, ele foi nomeado administrador honorário do 3º distrito e seu entusiasmo atraiu turistas para a região. Seu nome deu origem a principal e famosa avenida da cidade de Armação dos Búzios, Av. José Bento Ribeiro Dantas.

Com a chegada da famosa atriz francesa Brigitte Bardot em 1964 na pequena vila de pescadores, a cidade passou a tomar um destaque maior não só nacionalmente como internacionalmente. E posterior a esse

fato os proprietários de grande extensão de terra da cidade passaram a lotear de forma extensiva suas terras para a construção de casas de veraneio, sem ter consciência da preservação do patrimônio natural e cultural, que ao longo do tempo tomaram conta de toda costa, tomando conta de parte da areia da praia e encobrindo a vista, tornando as praias quase uma propriedade privada. Na mesma década, alguns indícios de invasões aconteciam em locais mais afastados do centro da cidade, José Gonçalves e Baía Formosa começam a compor o início de uma dura história de luta de terra e grandes perdas.

Entre 1975 e 1988, a comunidade pesqueira de José Gonçalves e Baía Formosa enfrentou uma série de ataques as suas terras e plantações do latifundiário e grileiro Henrique da Cunha Bueno. A invasão se deu a partir da grilagem de uma grande extensão territorial de envolvia os bairros de Baía Formosa, Rasa e José Gonçalves, para a conquista do território o latifundiário destruiu as plantações em ponto de colheita daquela comunidade que as tinham como principal fonte de subsistência, outras formas de tomada foram ameaças de morte, invasão forçada com máquinas e expulsão de famílias por coerção. Mesmo com muito esforço e persistência do povo que vivia naquele local, Henrique da Cunha Bueno conseguiu tomar uma grande parte da área pertencentes a eles que para evitar o avanço da invasão passou a vender grandes lotes por preços baixos e doar lotes para os filhos e conhecidos a fim de aumentar a população e a resistência. Hoje as extensões de terra invadidas são visíveis ao longo da estrada Cabo Frio-Búzios.

Werneck (1997, p. 26) relata que o surto desenvolvimentista da cidade se dá com a construção das casas de veraneio, pertencentes à burguesia carioca, paulista e mineira, que proporcionaram aos locais próximos ao centro da cidade serviços públicos como a eletricidade, água e telefone, apesar de falho. Depois da chegada da burguesia, deu-se então a chegada da classe média carioca brasileira, turistas argentinos e outros estrangeiros que vinham com o intuito de morar e abrir um negócio na Armação, outros com o intuito apenas de encontrar e ocupar terras irregulares em bairros mais distantes. O turismo estimulou a economia da região e formou uma ativa classe média que impulsionou os meios locais de comunicação de massa, como rádio, televisão e jornal.

A burguesia, insatisfeita com falta de atuação política na região e o tratamento depreciativo que recebiam do poder executivo e legislativo de Cabo Frio, principalmente pela falta de repasse em obras públicas, da parte que corresponde os *royalties* de petróleo e gás, cuja exploração era

realizada em parte no 3º distrito, incentivara movimentos emancipacionistas depois de tomar como exemplo o processo de emancipação do 4º distrito, Arraial do Cabo, e depois das péssimas administrações municipais nos períodos de 1983 a 1992.

Sabendo tirar proveito da colaboração do prefeito municipal (1993–1996) e do governador estadual (1995–1998) para abjugar Armação dos Búzios de Cabo Frio, o movimento iniciado no fim da década de 80 conseguiu em 1995 através de voto democrático, emancipar o distrito que teve subsequentemente eleição para prefeito e vereadores no ano seguinte.

2.2. Comunidades Tradicionais: O impacto segregatório do turismo

As comunidades tradicionais são as grandes definidoras culturais de uma região, elas tecem a história, crença, atividade, cultura e economia do local e são também mantenedoras dela. E a preservação patrimonial material e imaterial desses povos que se dá através da transmissão de saberes e fazeres de geração a geração é símbolo de resistência e influência na luta de outras comunidades que carregam as mesmas características e tradições.

No município de Armação dos Búzios encontra-se a comunidade remanescente de quilombo da Rasa que se deu pelo fluxo de negros escravizados fugidos da fazenda Campos Novos localizada no segundo distrito de Cabo Frio. Uma parte das pessoas que compõe essa comunidade também pertence a outra comunidade, que é a pesqueira, que sofreu e vem sofrendo um apartheid social e urbano em relação a parte peninsular de Armação dos Búzios que se dá pela falta de inclusão histórica e territorial, os relacionando apenas com o quilombo e não com a prática pesqueira geral, prática essa realizada pela comunidade localizada no centro que tem mais visibilidade. Como explicita a frase dita por muitos buzianos que moram em bairros continentais “Búzios? Búzios é do pórtico pra lá” afirma a segregação espacial que se deu ao longo dos anos e se perpetua até hoje.

Xavier (2006), em sua releitura acerca do processo de construção e imagem da cidade de Armação dos Búzios, entre 1964 e 2005, afirma que essa segregação espacial advém da construção identitária que com a chegada do turismo na cidade passa a se diferenciar de Cabo Frio, que tinha seu turismo voltado ao turismo de massa, e começa a esculpir um

turismo estilizado e internacional e que por consequência desse processo de configuração passa a induzir essa elite a compor uma nova comunidade, com novos moradores em suas casas de veraneio que eram construídas na parte peninsular. Essa seleção social, de caráter elitista, invisibilizou as comunidades dos bairros da Rasa, Baía Formosa, José Gonçalves, entre outros que não representava o ideário construído em cima da cidade de Armação dos Búzios a qual projetou sua identidade como uma cidade chique, voltada apenas para o turismo seletivo.

É a partir da década de 70, com a construção da ponte Rio-Niterói que o fluxo migratório elitista chegou ao balneário, carregando consigo a especulação imobiliária que pressionou economicamente os antigos moradores peninsulares a venderem seus lotes de terra a um preço baixo e migrar para área continental, principalmente para o bairro da Rasa, isso adicionado a migração de muitas pessoas que buscavam trabalho e não tinham condições de morar próximo a península que eram atraídos pela projeção identitária da cidade.

Carvalho (2015, p. 21) afirma que ao longo da década de 70 o bairro da Rasa passa a compor variados grupos imigratórios, um deles advinham da região Norte Fluminense, com destaque para Campos dos Goytacazes com o objetivo de obter novas oportunidades de trabalho em razão do turismo elitista predominante. Outra região de destaque é o Nordeste, que teve sua migração dada pela atratividade da construção civil na península, que foi motivada por sua vez pelo turismo.

O *apartheid* socioespacial da população do bairros continentais se intensifica ainda mais na década de 90 com a migração descontrolada e se ratifica com a indiferença da prefeitura para com esses bairros, dando legitimidade ao corte racial entre a zona peninsular e continental da cidade com o marco de sua segregação na construção de um prédio intitulado “Pórtico de Búzios”. Isolando, dividindo e invisibilizando a população buziana habitante dos bairros próximo a área continental, consentindo com a fragmentação espacial e reproduzindo e legitimando as desigualdades sociais.

A cidade passa assumir, a partir dessa construção, uma decomposição territorial social e racial, pois, conforme afirma Xavier (2006), o bairro da Rasa tem uma população composta por negros, pardos descendente dos escravos que povoaram o local após a abolição, enquanto a região peninsular é composta por migrantes em sua maioria branco, com poder aquisitivo. É a partir desse marco que o bairro da Rasa, Baía For-

mosa, José Gonçalves e os demais bairros continentais passam a ser classificados como periféricos e por serem periféricos passam a dispor de pouca infraestrutura e sofrem desigualdade e invisibilidade política e social.

[...] As diferenças nas condições de vida, entre a península e o continente, obviamente, são fruto de decisões administrativas. Resultam de embates político-sociais, onde a escolha, para a localização de investimentos, aponta nitidamente para a porção peninsular do município. Esta é justamente a fração do território selecionada para representar a cidade como um todo. Ao considerarmos que a península constitui, aproximadamente apenas 18% do território municipal e o continente os outros 82%, é possível reconhecer, em Búzios, uma excepcional representação físico-simbólica da concentração da riqueza nas mãos de uma minoria. A periferia buziana - lê-se o continente - ocupa áreas sem serviços e infraestrutura, apoiando o lucro dos grupos empresariais pela venda de mão de obra barata para pousadas, comércio e serviços em geral. [...] a transnacionalização de Búzios é diretamente responsável pela fragmentação territorial e pela segregação sócio-espacial das camadas populares. (XAVIER, 2006, p. 89-90)

É possível afirmar a partir disso que a administração da prefeitura contribuiu e contribui com a fragmentação territorial entre península e continente, tendo como o marco de segregação o pórtico de Búzios, e legitima a disparidade social ocasionada por esta segregação e acentua através da configuração urbana a estratificação econômico-cultural entre as porções territoriais.

Isso é replicado de forma cultural também, conforme afirma Carvalho (2015) o quilombo da Rasa traz consigo muitas histórias de resistência em seu processo de formação que vai desde o Brasil colônia à república, transpassando pelo período das relações de poder e luta nas tensões agrárias nacionais, a ditadura militar, a redemocratização e o movimento global envolto do reconhecimento do particular e da diversidade como diretriz para a organização social, configurado como a Constituição de 1988. Baía Formosa e José Gonçalves também são bairros que trazem consigo marcas de lutas ocasionadas pelas invasões de grileiros que por meio da força tomaram suas terras, destruíram plantações e casas e que pelo processo de uma nova configuração identitária acabou por invisibilizar a história e cultura desses povos.

2.3. Ruptura da legitimação: A violência simbólica e o papel da memória coletiva

A memória coletiva na comunidade pesqueira de Armação dos Búzios tem o principal papel de deslegitimar a dominação elitista imposta ao decorrer dos anos que, fundamentada no *habitus* reproduz falas, ações, consente com o sistema econômico, segregatório, desigual e prejudica seu autorreconhecimento como agente formador e herdeiro cultural de seu grupo.

Bourdieu (2001) aborda a maneira como a reprodução e legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes sobre a cultura se dá entre o meio social e como o *habitus* é o meio prático dessa reprodução pela massa. A dominação exercida pela elite configura-se de diferentes formas em diferentes setores, uma delas é o da educação, e a outra, ao se tratar do município, se origina com a especulação imobiliária, sistema econômico dependente (da elite), modificação da trajetória histórica reproduzida através de monumentos e, construção de prédio e instalações “receptivas” que, apoiados na geografia, segregam parte continental e peninsular, gerando desigualdade socioespacial e racial.

A mesma reprodução e legitimação é internalizada na educação, pois segundo Bourdieu (2001) a ação pedagógica só pode ser compreendida quando relacionado ao sistema de classes, onde a escola não é caracterizada por um ambiente neutro que apenas transmite conhecimento de alto nível e a avalia de forma universal, mas sim um lugar de reprodução e legitimação da dominação elitista. É uma violência simbólica que impõe um arbitrarismo cultural impondo a legitimidade da cultura dominante, ou seja, de forma invisível e silenciosa o sistema educacional municipal impõe a cultura das classes dominantes, apagando a história de especulação, de invasão, anterior a isso, de escravidão, de colonização, genocídio e ignora os saberes e fazeres da comunidade, os introduzindo novas práticas culturais e econômicas através do *habitus*, que são:

[...] sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. (BOURDIEU, 2007, p. 191)

O meio social contribui com os princípios geradores que o ser social carrega consigo, esquemas individuais construídos de forma coletiva, a reprodução do *habitus*, seja pela ação pedagógica ou pela implantação de sistemas socioeconômicos, legitima cada vez mais a cultura dominante e invisibiliza os saber e fazer comunitário, isto é, a reprodução de frases

discriminatórias, segregatícias, excludente faladas pelos indivíduos que compõe aquela comunidade só fazem ratificar a cultura dominante, internalizando-as passando a não mais transferir as práticas culturais e histórica para a geração seguinte.

A ruptura dessa legitimação se dá em um processo de construção de si mesmo, onde é necessário que o sujeito social se direcione ao passado, reproduza os valores e maneiras que foram preservados pela comunidade, para que ocorra uma compreensão, adequação e rememoração histórica e de suas práticas culturais. Esse processo de construção tem o papel de romper a reprodução e legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes e ocasiona no reconhecimento identitário do indivíduo em seu grupo de pertencimento, reconhecendo a cultura, material e imaterial, seus saberes e fazeres gerando um processo de autonomia para a comunidade, contribuindo com a valorização social das suas práticas, hábitos, crenças e tradições.

A memória coletiva segundo Halbwachs (2003) é estruturada com o tempo e se reconstrói incessantemente e mesmo ressignificada pela comunidade é repleta de saberes, valores, histórias, cultura e função social. O sujeito social carrega sua memória social e a memória dos membros de sua comunidade, tendo o objetivo de transferir essas práticas à próxima geração para que haja a perpetuação da identidade cultural, para que a comunidade cultive suas tradições formando um sistema de disposições que unificam o grupo, suas práticas e ideologias gerando uma estrutura autônoma e legitimada, impedindo qualquer reprodução, legitimação e dominação das elites.

A fotografia por sua vez é uma memória social e coletiva, registrada e armazenada, é de suma importância para a rememoração do passado da comunidade e para a compreensão de sua identidade cultural e histórica. É ela que mantém viva os acontecimentos passados e são a prova para as futuras gerações. A imagem carrega elementos simbólicos significativos que armazenam o passado que nunca será o mesmo, apesar da luta pela preservação e perpetuação, esses elementos corroboram com a rememoração e compreensão histórica quando o indivíduo que compões aquela sociedade passa pelo processo de construção de si mesmo e deslegitimação das classes dominantes.

Samain (1998) fala sobre o poder que a representação imagética tem quando passa por uma espécie de alucinação adquirindo vida, quando o sujeito social que contempla a fotografia vê a passagem entre o

passado e o presente se unirem e esse momento registrado na fotografia desperta lembranças, sentimentos, sabores, emoções de tudo o que viveu e o que foi passado, pois a fotografia busca trazer o passado para o presente, busca representar e transmitir os aspectos culturais do local e da comunidade para quem a observa. É nesse sentido que a etnometodologia digital busca trazer ao observador as injustiças socioespaciais do município, a rememoração dos aspectos culturais dentro da comunidade, a prática da pesca e sua cultura.

Na Figura 01 podemos observar a divisão socioespacial que deu pela construção do pórtico. A imagem, elaborada por Xavier (2006) com a foto de satélite fornecida pela Prefeitura Municipal de Armação dos Búzios (PMAB), mostra o local construído geograficamente de forma intencional com o objetivo de separar a parte continental da peninsular.

Figura 01



Na Figura 02, disponibilizada pela página Sessão Nostálgica a imagem do líder rural José Cabral, já falecido, que lutou com a comunidade do bairro José Gonçalves contra a invasão de terra dada pelo fazendeiro latifundiário e grileiro Henrique da Cunha Bueno. José Cabral ao longo das invasões, ocorridas entre os anos de 1975 e 1988, se fortaleceu e fortaleceu a comunidade que em pequenas caravanas iam ao Rio de Janeiro buscar apoio com grupos sociais de apoio a famílias rurais.

Figura 02



Na Figura 03, foi disponibilizada pela página na mídia social *Facebook*, chamada Sessão Nostálgica, a imagem dos irmãos pescadores, Eliezer (Nem) e Luiz, já falecido, em alto mar na porção peninsular, pescando olho-de-cão, também chamado de olho-de-vidro, que é uma espécie de peixe que habita em águas tropicais e subtropicais; esse peixe é muito popular na região e muito consumido por moradores de todo o município.

Figura 03



3. Considerações finais

A formação histórica de Armação dos Búzios se deu de uma forma extensa, conturbada e complexa, com muitas invasões, lutas, mortes, exploração e escravidão. E toda essa construção se dá anterior ao turismo que de forma sutil segue invisibilizando os povos remanes-

centes e sua cultura através da segregação gerada pela especulação imobiliária na região, pela construção de locais que demarcam as áreas elitistas e periféricas, reproduzem e reafirmam através do poder simbólico as formas culturais, econômicas, sociais e os saberes e fazeres da classe dominante.

É necessária então uma ruptura epistemológica acontecer para que essa legitimação da dominação não aconteça, ou seja, é necessário que o indivíduo passe a enxergar as relações de interdependência e a importância da perpetuação dos saberes e fazeres da comunidade e assim ressignificar e manter esses sistemas sociais que são importantes para fortalecer a identidade cultural e autoestima. Só a perpetuação dessa memória histórica e cultural, feito de geração em geração, pode continuar a manter os aspectos socioculturais e as práticas tradicionais da comunidade.

A reprodução narrativa e imagética também é de grande importância e contribui para manutenção da cultura e prática tradicional, pois as fotografias são registros eternos que podem ser revividas através da memória e assim atravessar gerações incitando através da rememoração os saberes e fazeres daquela comunidade, pois só a fotografia consegue registrar de forma material a cultura imaterial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Marcio Werneck da; CHAVES, Chrisiane Paiva. *Armação dos Búzios*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley. 2002.

_____. *Búzios: Armação Histórica*. (Resumo dos ensaios sobre geografia, pré-história e história do Município de Armação dos Búzios). 1997.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *A reprodução*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2003.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação e Sociedade*, v. 23, n. 78, p. 1-22, São Paulo: 2002/04. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>

SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. 3ª ed. São Paulo: Senac, 2005.

XAVIER, Marina de Aquino. *Búzios: Estética, poder e território*. Dissertação de Mestrado (Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro) – UFRJ, 2006.

Outra fonte:

Acervo Márcio Werneck. Disponível em: <https://acervomarciowerneck.com.br/artigos/buzios/pre-historia-armacao-dos-buzios> e <https://acervo.marciowerneck.com.br/artigos/buzios/historia-de-armacao-dos-buzios>.